



APRENDENDO SOBRE PARASITOSE COM HISTÓRIAS FICTÍCIAS



CHARLYAN DE SOUSA LIMA
MAURIANE DE LIMA DA SILVA
(Organizadores)

CHARLYAN DE SOUSA LIMA
MAURIANE DE LIMA DA SILVA
(Organizadores)

**APRENDENDO SOBRE PARASITÓSES COM
HISTÓRIAS FICTÍCIAS**

2025 by Editora Kennis
Copyright © Editora Kennis
Copyright do Texto © 2025 Os autores
Copyright da Edição © 2025 Editora Kennis
Direitos para esta edição cedidos à Editora Kennis pelos autores.
As ilustrações e demais informações contidas desta obra são integralmente de
responsabilidade dos autores.

Capa: Designed by Editora Kennis
Diagramação e Edição de Arte: Editora Kennis
Revisão: Os Autores

CORPO EDITORIAL

Dr. Charlyan de Sousa Lima
Dr. Diego Amorim dos Santos
Dr. Ivandro Carlos Rosa
Dra. Karlyene Sousa da Rocha
Dra. Kaiomi de Souza Oliveira Cavalli
Dr. Leonardo De Ross Rosa
Dra. Marcele Scapin Rogerio
Dra. Mayara da Cruz Ribeiro
Dra. Paula Michele Lohmann
Dr. Renato Santiago Quintal

Diagramação: Editora Kennis
Edição de Arte: Editora Kennis
Revisão: Os Autores
Organizador: Charlyan de Sousa Lima
Mauriane de Lima da Silva

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Aprendendo sobre parasitoses com histórias
fictícias [livro eletrônico] / (organizador)
Charlyan de Sousa Lima. -- 1. ed. --
Chapadinha, MA : Editora Kennis, 2025.
PDF

ISBN 978-65-987918-3-4

1. Ficção brasileira 2. Parasitologia
3. Parasitologia médica 4. Saúde pública
I. Lima, Charlyan de Sousa.

25-312908.0

CDD-B869.3

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura brasileira B869.3

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

O conteúdo do livro, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. O download da obra e o seu compartilhamento somente são autorizados desde que sejam atribuídos créditos aos autores, sem alterá-la e de nenhuma forma utilizá-la para fins comerciais.

Editora Kennis
Chapadinha – Maranhão – Brasil
www.editorakennis.com.br
publica.editorakennis@gmail.com



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	6
CAPÍTULO 01 - O PESADELO DA GIARDÍASE	7
	Ramires Sousa Silva; Tainanda Araújo de Souza; Charlyan de Sousa Lima.
CAPÍTULO 02 - O SONO NADA REPARADOR	11
	Andressa Gomes Castro; Rayssa Millena Pereira dos Santos; Charlyan de Sousa Lima.
CAPÍTULO 03 - CLARA E SEU SEGREDINHO	14
	Ana Thays da Silva Serrão; Erlani Silva Araujo; Jullye Pollyanna Pinheiro Coelho; Rian Roberth Figueiredo Silva; Samuel Silva dos Santos; Charlyan de Sousa Lima.
CAPÍTULO 04 - CEGUEIRA SILENCIOSA: A BATALHA DE LUCAS	20
	Edinete da Cruz da Silva; Gabrielly Pires Andrade ¹ ; Graciane dos Santos Padilha; Maysa Rodrigues Coelho; Charlyan de Sousa Lima.
CAPÍTULO 05 - DO PARAÍSO AO HOSPITAL: UMA VIAGEM PARA NUNCA ESQUECER	25
	Ana Luísa Everton Araújo Silva; Ingrid Beatriz Nascimento Ferreira; Karine Giseli Lopes Fernandes; Maria Natália Marinho de Melo; Samara Emile Lima Pereira; Charlyan de Sousa Lima.
CAPÍTULO 06 - O MISTÉRIO DA ÁGUA CLARA	31
	Karla Sabrina Freitas dos Santos; Maria Paula Moraes de Barros;

Renally Vitória Miranda Resende;
Thayla Sabrina Chaves Silva;
Charlyan de Sousa Lima.

CAPÍTULO 07 - MINHAS FÉRIAS INESQUECÍVEIS38

Wilderlene Lima Oliveira;
Elenilce Sousa Cutrim;
Pollyanna da Silva Azevedo Patrício;
Marcos Paulo Sousa da Silva;
Elziane Fiares Ribeiro;
Charlyan de Sousa Lima.

APRESENTAÇÃO

O livro “Aprendendo sobre Parasitoses com Histórias Fictícias” não apenas informa, mas também conecta o leitor a um universo de personagens que vivenciam as complexidades das parasitoses em suas vidas diárias. Cada história é cuidadosamente tecida para revelar não só os aspectos clínicos dessas doenças, mas também os impactos emocionais, sociais e econômicos que elas podem causar. Ao observarmos os personagens e suas jornadas, somos levados a refletir sobre a resiliência humana e a capacidade de superação diante de desafios de saúde.

Além disso, a obra destaca a importância do papel da ciência e da educação na luta contra essas enfermidades. Ao apresentar informações científicas de forma acessível, o livro empodera o leitor, fornecendo-lhe ferramentas para entender melhor como as parasitoses se desenvolvem e como podem ser prevenidas. Esta abordagem é crucial em um mundo onde a desinformação pode ter consequências drásticas para a saúde pública.

Outro ponto relevante abordado no livro é a desigualdade no acesso a recursos básicos, como água potável e saneamento. As narrativas expõem como a falta desses serviços fundamentais pode exacerbar o problema das parasitoses, especialmente em comunidades vulneráveis. Ao trazer essas questões à tona, o livro serve como um apelo à ação para melhorias nas políticas de saúde pública e infraestrutura.

Por fim, “Aprendendo sobre Parasitoses com Histórias Fictícias” é também uma celebração do poder transformador do conhecimento. Ao educar e sensibilizar, o livro busca não apenas informar, mas inspirar mudanças reais, promovendo uma sociedade mais consciente e preparada para enfrentar os desafios que as parasitoses representam para a saúde global. Ao mergulhar nessas histórias, o leitor é convidado a se tornar um agente de mudança, defendendo práticas que promovam a saúde e o bem-estar de todos.

CAPÍTULO 01

O PESADELO DA GIARDÍASE

Ramires Sousa Silva¹, Tainanda Araújo de Souza¹,
Charlyan de Sousa Lima²

¹ Graduanda em Enfermagem da Faculdade Santa Luzia.

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Marcelo era um homem simples, de vida tranquila. Morava em uma pequena cidade do interior, onde a rotina parecia não ter pressa, e os dias eram marcados pelo trabalho duro e pelas tardes calmas, ao lado da esposa e dos filhos. Porém, em um dia de verão, tudo começou a mudar. Foi quando ele começou a sentir um desconforto estranho em seu estômago. No começo, parecia algo inofensivo, como uma leve indigestão, algo que logo passaria. Mas os dias passaram, e as dores foram se intensificando, acompanhadas de náuseas e uma sensação de cansaço extremo.

Marcelo não se importou muito inicialmente. Pensou que fosse apenas uma virose passageira, algo comum naquela época do ano. Porém, à medida que os sintomas se agravaram, ele decidiu procurar ajuda médica. A primeira consulta com o clínico geral não foi animadora. O médico, após alguns exames simples, diagnosticou uma gastroenterite viral e recomendou repouso, hidratação e dieta

leve. Marcelo seguiu as orientações, mas as dores e os sintomas não desapareceram.

O tempo passou, e o quadro de Marcelo começou a piorar. As dores na região abdominal estavam se tornando mais intensas, ele passou a ter episódios frequentes de diarreia com muco, além de um gosto amargo na boca que parecia não sair de jeito nenhum. A perda de peso foi visível, e o cansaço se tornou tão extremo que ele já não conseguia cumprir suas tarefas no trabalho. Preocupada, sua esposa, Silvia, insistiu para ele procurar um especialista.

Foi assim que Marcelo conheceu a doutora Renata, uma gastroenterologista da cidade vizinha. Ao ouvir os relatos de Marcelo e realizar um exame mais detalhado, ela suspeitou de algo diferente: giardíase, uma infecção intestinal causada pelo protozoário *Giardia lamblia*. Este parasita era conhecido por causar uma série de sintomas digestivos, como diarreia, cólicas abdominais e até náuseas. A doutora Renata explicou a Marcelo que a giardíase era uma doença comum em áreas com saneamento básico precário, e o provável era que ele tivesse contraído o parasita ao ingerir água contaminada de um rio que passava próximo à sua casa.

Marcelo ficou surpreso ao ouvir isso. Não imaginava que algo tão simples, como beber água de um rio, pudesse levar a uma infecção tão séria. A doutora Renata pediu alguns exames laboratoriais para confirmar o diagnóstico, e, após alguns dias, os resultados chegaram. O diagnóstico foi confirmado: *Giardia lamblia*. A bactéria estava parasitando seu intestino, causando uma inflamação intestinal crônica.

"Você tem sorte", disse a doutora Renata durante a consulta de retorno. "A giardíase pode ser tratada com medicamentos específicos, mas, se não tratada adequadamente, ela pode causar

complicações a longo prazo, como desidratação severa e problemas nutricionais."

Marcelo ficou aliviado, mas também apreensivo. Ele sabia que o tratamento seria longo e exigiria disciplina. A doutora Renata prescreveu um curso de medicamentos antiparasitários, como o metronidazol, que deveria ser tomado por um período de sete dias. Ela também enfatizou a importância de seguir uma dieta balanceada, rica em líquidos e alimentos de fácil digestão, além de reforçar os cuidados com a higiene pessoal e a água consumida.

Nos primeiros dias de tratamento, Marcelo experimentou um alívio gradual. As dores começaram a diminuir, e a diarreia foi se tornando menos frequente. Contudo, logo percebeu que o caminho para a recuperação não seria simples. Ele ainda se sentia cansado e, por vezes, suas fezes continuavam alteradas, com um cheiro muito forte e uma coloração estranha. O desconforto no estômago persistia, e ele se perguntava se realmente conseguiria se recuperar por completo. Foi nesse momento que ele começou a entender a complexidade da giardíase.

A doença, embora tratável, exigia cuidados contínuos. Marcelo teve que revisar seus hábitos alimentares, evitar alimentos gordurosos e ricos em fibras durante o período de recuperação e, principalmente, mudar sua relação com a água. Antes, ele nem pensava duas vezes antes de beber da água do rio, algo tão natural em sua vida. Agora, ele passava a ter mais cuidado com sua fonte de hidratação, optando sempre por água filtrada ou fervida.

Silvia, sua esposa, também passou a se preocupar mais com a higiene da casa. Começou a lavar frutas e verduras com mais cuidado e insistiu para que todos na família usassem água tratada. Era um pequeno esforço diário, mas que, aos poucos, Marcelo foi

compreendendo a importância de garantir que sua casa estivesse livre de possíveis fontes de contaminação.

Após três semanas de tratamento e mudanças nos hábitos, Marcelo começou a se sentir mais forte. As dores no estômago desapareceram, e sua energia estava voltando. Ele ainda precisava se cuidar, mas, aos poucos, a vida estava voltando ao normal. Ele sabia que nunca mais poderia ser descuidado com a qualidade da água que consumia, e que a giardíase não era uma doença qualquer. Era algo que mudava a percepção sobre a importância do saneamento e da higiene.

Marcelo sentia uma gratidão imensa por ser tratado com sucesso, mas também uma preocupação em relação a outros moradores da cidade, que ainda não tinham a informação necessária sobre os riscos da giardíase. Ele começou a conversar com os amigos e familiares sobre a doença e a importância do acesso à água potável. Muitos se surpreenderam com a descoberta, pois nunca imaginaram que um simples parasita poderia afetar tanto o bem-estar de uma pessoa.

A história de Marcelo não terminou com a cura da giardíase, mas com um aprendizado profundo sobre os cuidados com a saúde e a conscientização sobre a importância da prevenção. Sua experiência o transformou, e ele agora se via como um defensor da saúde pública em sua comunidade. Embora o pesadelo da giardíase tivesse sido difícil, ele sabia que a superação era apenas o começo de um compromisso contínuo com a saúde e o bem-estar de todos ao seu redor.

CAPÍTULO 02

O SONO NADA REPARADOR

Andressa Gomes Castro¹; Rayssa Millena Pereira dos Santos¹;
Charlyan de Sousa Lima²

¹ Graduanda em Enfermagem da Faculdade Santa Luzia.

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Em uma manhã vibrante de outono, o turista Rodrigo, apaixonado por culturas e aventuras, embarcou rumo à Tanzânia, terra de vastas savanas e paisagens que parecem ter saído de um filme. Seduzido pelos relatos sobre as riquezas naturais e pela promessa de encontros autênticos com a fauna local, ele não imaginava que sua jornada o levaria a enfrentar um inimigo silencioso: a tripanossomíase africana, conhecida popularmente como “doença do sono”.

Logo após sua chegada, Rodrigo se encantou com a hospitalidade dos moradores e com a exuberância dos parques naturais. Em meio a safáris e caminhadas por trilhas cercadas de vegetação densa, ele se sentiu parte daquele cenário selvagem e único. Porém, em uma tarde após um passeio pelos arredores de uma reserva, uma pequena mosca-tsé-tsé pousou em seu braço e picou sua pele, deixando uma pequena lesão – um cancro local que, a princípio, passou despercebido.

Nos dias que se seguiram, Rodrigo começou a sentir um cansaço intenso, febre intermitente e dores de cabeça persistentes. Os primeiros sinais de que algo não estava certo se intensificaram: além do desconforto, ele notava uma estranha sonolência durante o dia e insônia à noite, como se o relógio biológico estivesse descompassado. Preocupado com o agravamento dos sintomas, decidiu procurar uma clínica local, onde os médicos, atentos à história do paciente e ao relato de uma picada suspeita, solicitaram exames laboratoriais.

O diagnóstico foi contundente: a tripanossomíase africana causada pelo *Trypanosoma brucei rhodesiense*. Felizmente, a condição havia sido detectada em seu estágio inicial – antes do envolvimento do sistema nervoso central – o que permitia uma intervenção mais segura e eficaz. Os profissionais de saúde iniciaram o tratamento com suramina, administrada cuidadosamente por via intravenosa, após um teste inicial para descartar reações alérgicas. Durante o período de internação, Rodrigo foi acompanhado de perto; os médicos monitoravam seus sinais vitais, o estado renal e a resposta ao medicamento, além de orientá-lo sobre a importância do repouso e da hidratação.

Apesar de enfrentar alguns efeitos colaterais leves, como náuseas e uma sensação de mal-estar geral, o tratamento foi eficaz. Aos poucos, os sintomas começaram a recuar. Com o passar dos dias, Rodrigo notava que a febre diminuía e a sonolência excessiva dava lugar a uma disposição renovada. Ao final do ciclo terapêutico de 10 dias – complementado por sessões de acompanhamento para garantir a completa eliminação do parasita –, ele se sentia revigorado e consciente de que sua experiência havia se transformado em uma

lição sobre a fragilidade da saúde e a importância da prevenção em regiões endêmicas.

A jornada de Rodrigo, que começou como uma simples busca por aventura, culminou em um encontro inesperado com a tripanossomíase africana – uma doença que, se não tratada, pode ser fatal. A intervenção médica o salvou e, mais do que isso, despertou nele uma profunda reflexão sobre a realidade das doenças tropicais e a necessidade de conscientização e investimentos em saúde pública nos países afetados. Hoje, ao olhar para trás, Rodrigo entende que sua experiência, apesar do susto e dos desafios, o transformou, fazendo-o valorizar não só a própria saúde, mas também o grande esforço dos profissionais que lutam diariamente para salvar vidas em regiões onde a doença do sono ainda é uma ameaça real.

CAPÍTULO 03

CLARA E SEU SEGREDINHO

Ana Thays da Silva Serrão¹; Erlani Silva Araujo¹;
Jullye Pollyanna Pinheiro Coelho¹; Rian Roberth Figueiredo Silva¹;
Samuel Silva dos Santos¹; Charlyan de Sousa Lima²

¹Graduanda em Enfermagem da Faculdade Santa Luzia.

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Clara era uma jovem de 27 anos, que tinha uma saúde excepcional, em uma manhã ensolarada ela acordou e sentiu uma sensação diferente no corpo. Ele sempre prestou atenção à sua saúde, e percebeu um leve desconforto que nunca havia sentido antes. Clara morava em uma pequena cidade onde assuntos que eram relacionados à saúde sexual ainda eram considerados tabus para toda a sociedade. Ela trabalhava como professora em uma escola local e era conhecida por sua alegria e comprometimento. Mas naquela manhã, a sensação desconfortável a deixou ansiosa.

Sem contar a ninguém, Clara decidiu explorar seus sintomas, que eram: coceira, irritação e corrimento incomum que ela nunca tinha apresentado antes. As informações na internet a confundiam e assustavam ao mesmo tempo. Muitos sites mencionavam uma infecção sexualmente transmissível chamada tricomoníase, mas Clara não tinha certeza. Ela se perguntou:

— Será que algo tão pequeno como um parasita pode ser a causa?

No dia seguinte, Clara contou discretamente à sua melhor amiga Ana, que também era sua confidente. Ana sugeriu ir ao posto municipal de saúde.

— Clara, não há vergonha em cuidar da nossa saúde. Algo assim acontece e pode ser tratado, disse Ana, mas Clara hesitou. O medo de ser julgada pela sociedade e principalmente pelas pessoas próximas a paralisou e a deixou com muito medo.

Nos dias seguintes, seus sintomas pioraram. O desconforto físico foi acompanhado por uma carga emocional crescente. Clara começou a evitar interações sociais e até se distanciou de sua amiga, Ana. Seus alunos notaram que ela estava mais distraída e cansada. Durante uma noite sem dormir, Clara finalmente tomou uma decisão: precisava enfrentar esse problema, mesmo com medo. Em uma UBS, Clara foi atendida por Marina, uma enfermeira que sempre se destacou pela empatia com os pacientes. Ao descrever seus sintomas, Clara sentiu as mãos tremerem, mas foi recebida com um sorriso acolhedor.

— Você tomou a decisão certa ao vir aqui, disse Marina.

Após alguns exames, o diagnóstico foi confirmado: Clara tinha tricomoníase. Marina explicou que era uma infecção causada por um parasita chamado *Trichomonas vaginalis*.

A enfermeira destacou ainda que embora seja uma doença sexualmente transmissível, é facilmente tratável com a medicação adequada.

— Infelizmente, o maior problema não é a infecção em si, mas o estigma que lhe está associado. Muitas pessoas têm vergonha de procurar ajuda e acabam sofrendo mais do que deveriam, infelizmente é um tabu para toda a sociedade, explicou Marina.

Clara sentiu um misto de alívio e vergonha. Era tratável, mas o que pensariam dela se soubessem? O tratamento começou imediatamente. Clara foi orientada a compartilhar o diagnóstico com o companheiro para que ambos pudessem receber tratamento e evitar uma nova infecção. Naquele momento ele percebeu o impacto que a falta de comunicação poderia ter. Clara conversou com coragem com o namorado Felipe, que inicialmente ficou surpreso, mas a apoiou totalmente. Ele também iniciou o tratamento e ambos se comprometeram a adotar práticas mais seguras a partir de então.

O clímax da história veio quando Clara percebeu que não podia mais ignorar a importância de falar sobre saúde sexual. Durante uma reunião da escola, em um momento de coragem inesperada, ela sugeriu fazer apresentações sobre o tema para os alunos e a comunidade. Inicialmente, houve resistência, mas com o apoio de Ana e outros colegas, o projeto foi aprovado. Nas semanas seguintes, a escola recebeu uma equipe de especialistas em saúde que trabalhou em temas como prevenção, diagnóstico e tratamento de doenças sexualmente transmissíveis, incluindo a tricomoníase. Clara ficou orgulhosa ao ver alunos e pais começarem a falar abertamente sobre temas que antes evitavam.

No final desta jornada, Clara não só tinha superado a infecção, mas também quebrado barreiras na sua comunidade. Ela entendeu que a vergonha e o medo do julgamento apenas perpetuavam o ciclo de desinformação. Ao final do projeto escolar, Marina, a enfermeira, agradeceu a iniciativa de Clara.

— É assim que começa a mudança, Clara, com a coragem de enfrentar os nossos medos e transformar o que aprendemos em algo positivo.

Clara sorriu e sentiu-se mais leve. Seu segredo se tornou uma ponte para o conhecimento. Ele sabia que sua história não terminava aí, mas continuou com cada conversa e cada ação que inspirasse outras pessoas a cuidar de sua saúde sem medo ou julgamento.

Após o sucesso das conferências escolares, Clara sentiu que havia encontrado um novo propósito, que era espalhar a conscientização sobre saúde sexual além dos muros da escola. Ela decidiu começar um pequeno grupo de apoio comunitário onde as pessoas pudessem compartilhar perguntas, aprender sobre preparação e, o mais importante, se sentirem bem-vindas. Inicialmente, o grupo incluía apenas Ana, Marina e alguns moradores. Durante as reuniões, Clara compartilhou suas experiências sem entrar em detalhes íntimos, mas com a sinceridade necessária para que as pessoas entendessem a importância de superar o medo e buscar ajuda quando necessário.

Logo, outras pessoas começaram a participar. Histórias de resistência, vergonha e desinformação surgiram, mas com o tempo, as reuniões trouxeram esperança e aprendizado. Uma das participantes, Dona Lourdes, uma mulher de 60 anos, contou que nunca havia visitado um médico para discutir questões relacionadas à saúde íntima por medo de ser julgada. Com o apoio do grupo, ela marcou sua primeira consulta e descobriu que poderia melhorar significativamente sua qualidade de vida com tratamentos simples. Inspirada por Clara, Dona Lourdes tornou-se uma das defensoras mais ativas da causa, ajudando a atrair mais mulheres da comunidade para os encontros.

Foi uma batalha difícil, Clara se dedicou a estudar mais sobre doenças sexualmente transmissíveis e saúde pública. Ela leu, muitas vezes em silêncio, sobre as estatísticas alarmantes sobre infecções

como a tricomoníase, que afetavam milhões de pessoas em todo o mundo, especialmente mulheres. Clara estava determinada a aumentar o impacto de suas medidas e buscou apoio da prefeitura e do Ministério da Saúde. Foi uma luta dura. Apesar do entusiasmo, encontrou resistência e falta de recursos. Alguns pensavam que uma conversa aberta sobre saúde sexual encorajaria comportamentos inadequados, mas Clara sabia que a ignorância era o verdadeiro inimigo. Com o tempo, ela conseguiu convencer as autoridades a realizar uma campanha comunitária focada na educação sexual e em exames de saúde gratuitos. O clímax desse novo desafio veio no dia do evento de lançamento da campanha. Clara foi convidada a falar para uma plateia composta por moradores, autoridades e profissionais de saúde. Nervosa, mas determinada, subiu ao palco e compartilhou sua história mais uma vez. Ela falou sobre a importância de buscar ajuda, sobre o apoio que recebeu de pessoas como Marina e Ana, e sobre como superar o estigma havia transformado sua vida.

— Não estou aqui apenas como professora ou cidadã. Estou aqui como alguém que aprendeu na prática que cuidar da saúde não é motivo de vergonha, mas um ato de coragem e amor-próprio. Precisamos quebrar o silêncio e falar sobre isso abertamente. Só assim poderemos proteger a nós mesmos e às pessoas que amamos.

A resposta foi esmagadora. A comunidade aplaudiu de pé, e muitas pessoas se inspiraram a agir. O evento marcou o início de uma nova era na cidade, onde o diálogo em torno da saúde sexual se tornou mais aberto e respeitoso.

Na conclusão dessa nova fase, Clara olhou para tudo o que havia conquistado: a superação de seus próprios medos, a

conscientização da comunidade e a sensação de estar fazendo diferença na vida das pessoas. Sua jornada não apenas a fortaleceu, mas também a transformou em um exemplo de que a mudança começa com pequenos passos, guiados pela coragem de enfrentar o desconhecido.

Agora Clara tinha um novo sonho: abordar questões de saúde pública e expandir o seu impacto a outras comunidades. Entretanto, ela continuou a sua missão no terreno, determinada a garantir que ninguém nunca mais teria vergonha de cuidar de si próprio. Afinal, uma de suas frases favoritas, que agora enfeitava o mural da escola, era: “O conhecimento é a chave para a liberdade e a saúde é o primeiro passo para uma vida plena”. O segredo de Clara já não era um fardo. Ele se tornou uma luz para muitos, iluminando o caminho para uma vida mais saudável e sem medo.

CAPÍTULO 04

CEGUEIRA SILENCIOSA: A BATALHA DE LUCAS

Edinete da Cruz da Silva¹; Gabrielly Pires Andrade¹;
Graciane dos Santos Padilha¹; Maysa Rodrigues Coelho¹;
Charlyan de Sousa Lima²

¹ Graduanda em Enfermagem da Faculdade Santa Luzia.

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Lucas sempre foi um jovem ativo e cheio de energia. Aos 25 anos, cursava Educação Física e passava boa parte do tempo entre treinos, piscina e o estágio em uma academia. Usava lentes de contato desde a adolescência, por praticidade e vaidade, mas nunca deu muita atenção às recomendações rígidas de higiene. Lavar as mãos antes de manusear as lentes? Quase sempre esquecia. Dormir com elas? Ocorreu mais vezes do que ele gostaria de admitir. E ao nadar na piscina da academia, sequer pensava em removê-las.

Certa noite, após um longo dia de treino, Lucas sentiu uma leve ardência no olho direito.

— Tá tudo bem? — perguntou Marina, sua colega de faculdade e amiga próxima.

— Deve ser o cloro da piscina — respondeu ele, piscando repetidamente.

Marina franziu a testa.

— Você tirou as lentes antes de nadar?

— Claro que não, ia perder um tempão...relaxa, amanhã já vai estar melhor.

Mas não passou.

No dia seguinte, o desconforto havia piorado. O olho estava vermelho e começava a ficar embaçado, como se uma névoa fina encobrisse sua visão. Marina insistiu que ele procurasse um médico, mas Lucas, teimoso, recorreu a um colírio que encontrou em casa.

— Vai melhorar, é só uma irritaçãozinha — repetia para si mesmo, tentando se convencer.

Uma semana depois, a situação ficou insustentável. Lucas acordou com o olho inchado, lacrimejante e uma dor latejante que parecia perfurar sua córnea. A luz era insuportável. O simples ato de abrir os olhos parecia uma tortura.

— Lucas, isso não é normal! — exclamou Marina, já sem paciência.

— Eu vou te levar ao hospital agora.

No pronto-socorro oftalmológico, a sala de espera estava cheia, mas Lucas foi atendido com urgência ao relatar a intensidade da dor e a perda gradual da visão. Após uma série de exames minuciosos e um raspado corneano, veio o diagnóstico: ceratite por *Acanthamoeba*.

— *Acanthamoeba*? O que é isso? — Lucas perguntou, confuso, enquanto Marina arregalava os olhos ao ouvir o nome estranho.

O médico, com expressão séria, explicou:

— É um protozoário encontrado em água doce, como piscinas, torneiras e até no solo. Ele provavelmente entrou em contato com

seu olho quando você nadou usando as lentes de contato. Essas lentes atuaram como uma esponja, prendendo o micro-organismo entre elas e a córnea.

Lucas sentiu um frio na espinha. Marina segurou sua mão com força.

— E... e agora? Eu vou ficar bem, né? — sua voz tremia.

O médico respirou fundo, escolhendo as palavras com cautela.

— O tratamento é difícil. Esse protozoário forma cistos que são extremamente resistentes. Você precisará de colírios antissépticos de hora em hora, inclusive durante a noite. E há a possibilidade de um transplante de córnea, dependendo de como seu olho reagir.

O clima pesou. A luta estava apenas começando.

As semanas seguintes foram um pesadelo. Lucas mal dormia, acordando de hora em hora para pingar os colírios. As consultas médicas eram constantes. A faculdade foi pausada, e as dores físicas e emocionais se tornaram companhias diárias. A simples luz do dia parecia um tormento. Cada reflexão o levava ao mesmo pensamento: tudo isso poderia ter sido evitado.

Seus pais, preocupados, passaram a revezar noites ao lado dele, ajudando a lembrar dos horários dos medicamentos. Marina, sempre presente, trazia livros em áudio para tentar distrair Lucas, mas ele estava mergulhado em um turbilhão de emoções.

Certa tarde, já exausto, Lucas desabafou com Marina:

— Eu fui tão burro... Como pude ignorar algo tão básico?

— Não se culpa assim — ela respondeu, com voz suave.

— O importante agora é você lutar. E, depois, ensinar os outros a não cometerem o mesmo erro.

Os meses passaram. Lucas conseguiu salvar parte da visão, mas uma cicatriz corneana ainda turvava sua percepção de luz.

Contudo, algo dentro dele mudou. Ele passou a participar de palestras sobre prevenção de doenças oculares e compartilhava sua história nas redes sociais.

Em uma dessas palestras, diante de uma sala cheia de jovens, Lucas encerrou seu relato com firmeza:

— O que aconteceu comigo não foi azar. Foi negligência. Pequenos descuidos podem ter grandes consequências. Mas, agora, cada vez que conto minha história, sinto que estou ajudando alguém a não passar pelo que passei.

No final da palestra, uma estudante se aproximou, visivelmente emocionada.

— Lucas, eu uso lentes de contato e nunca pensei que algo assim pudesse acontecer. Vou ser muito mais cuidadosa agora. Obrigada por compartilhar sua história.

Marina sorriu ao vê-lo ali, transformando sua dor em propósito.

Ao voltar para casa naquela noite, Lucas parou diante do espelho e encarou sua cicatriz corneana. A marca em seu olho era visível, mas ele sabia que a maior mudança estava onde ninguém podia ver.

— Essa cicatriz me lembra todos os dias — sussurrou para si mesmo — que a dor pode virar força, e que cada história contada pode salvar um futuro.

E, assim, Lucas não apenas recuperou parte da visão, ele encontrou um novo significado para sua jornada. Uma visão clara de que a prevenção e o conhecimento são as maiores armas contra o invisível.

Sua cicatriz corneana não era mais apenas uma marca física, era um lembrete constante de sua resiliência e da missão que havia abraçado: salvar olhos, proteger futuros e abrir os olhos da sociedade

para os perigos silenciosos que espreitam nas sombras do desconhecido.

CAPÍTULO 05

DO PARAÍSO AO HOSPITAL: UMA VIAGEM PARA NUNCA ESQUECER

Ana Luísa Everton Araújo Silva¹;
Ingrid Beatriz Nascimento Ferreira¹;
Karine Giseli Lopes Fernandes¹; Maria Natália Marinho de Melo¹;
Samara Emile Lima Pereira¹; Charlyan de Sousa Lima²

¹ Graduanda em Enfermagem da Faculdade Santa Luzia.

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Era uma manhã de domingo, o céu azul... e o Sol a invadir o quarto. Henrique estava a dormir, mal lembrando que o alarme ia tocar.

TRIM TRIM TRIM 🎵🎵🎵 11:00 Desperta-o assustado, exclamando:

— Henrique: Minha nossa, que noite rápida! Preciso encontrar o Samuel, às 14:00 estaremos embarcando, e ainda não arrumei nada.

— Saltando da cama em direção suas malas (Irá passar meia hora ali organizando tudo).

Nós embarcaremos agora, em uma aventura de dois amigos de infância, Henrique e Samuel, jovens de 25 anos que planejam viajar para o Canadá, desde os 20 anos e não deu certo, mas esse ano será diferente!

Samuel liga para o amigo, combinando o local de encontro dentro do aeroporto. Animados para essa viagem, por pouco não passaram do horário.

— Samuel: Meu, não acredito que esse dia chegou

— Henrique: Vai ser muito irado!

E seguem para fazer o check-in.

Eles embarcaram no avião sentindo uma mistura de emoções, era o começo de grandes descobertas, aventuras, e desafios a serem enfrentados. Com muitas expectativas, seguiram rumo ao Canadá, prontos para viver uma nova jornada. Finalmente, depois de longas horas de voo, chegaram em solo canadense. Samuel no entanto, mal conseguia conter a ansiedade. Ele estava animado para conhecer cada ponto turístico da cidade e já havia planejado todo o roteiro, incluindo os lugares que faziam questão de visitar.

Virando-se para seu amigo Henrique, ele disse:

— Samuel: O que você acha de irmos primeiro dar uma passeada no Parque Stanley, em Vancouver? Henrique riu e respondeu:

— Henrique: Cara, acabamos de chegar! Não é melhor irmos primeiro para o hotel?

Samuel, tentando convencer seu amigo, insistiu:

— Samuel I: Soube que lá perto tem um lugar que vende tortas deliciosas e, afinal de contas, estamos famintos, não é mesmo?

— Henrique: Tudo bem, então. E logo em seguida, vamos direto para o hotel!

Seguiram em direção ao Parque Stanley. Ao chegarem lá, comeram a torta e ficaram conversando enquanto admiravam a paisagem deslumbrante do local onde estavam. De repente, um senhor passou vendendo framboesas que pareciam estar deliciosas. Henrique não se conteve e comprou algumas para comer no hotel.

Logo em seguida, partiram em direção ao Pan Pacific Vancouver, que ficava a apenas 11 minutos de distância do parque.

Ao se hospedarem no hotel, eles decidiram se deliciar com as framboesas. Estavam tão animados que esqueceram até mesmo de lavá-las antes de consumir. Achavam que, por estarem em outro país, não teria risco de terem problemas com parasitas.

Na manhã seguinte, Samuel acordou entusiasmado, segurando uma lista enorme com o nome de vários pontos turísticos no Canadá. Após terem feito todos os seus afazeres, partiram em direção à Casa Loma, um museu localizado em Toronto, Canadá. Logo em seguida, foram para a Catedral de Notre-Dame. E assim continuaram conhecendo vários lugares

Já haviam se passado duas semanas, e ainda faltavam alguns lugares que Henrique e Samuel não haviam conhecido. Porém, começaram a sentir vários sintomas, como vômitos, febre, dor de cabeça e dores no corpo. Eles não sabiam o que estava acontecendo e achavam que era normal, devido à mudança de clima e à adaptação ao novo país.

Algumas horas depois:

— Samuel: Henrique eu não estou me sentindo muito bem, acho que tem alguma coisa errada, deveríamos ir à emergência, porque não sei se aguento mais.

O amigo ficou preocupado, então os dois decidiram procurar uma emergência. Chegando ao hospital eles foram logo atendidos:

— Dr. Jhames: Boa tarde senhor Samuel, no que posso ser útil? Qual sua queixa principal? O que traz você aqui hoje?

— Samuel: Boa tarde Dr. Jhames, eu não estou me sentindo bem, estou com diarreia, sentindo tontura, fadiga, meu abdômen doe e só

hoje já vomitei 2 vezes. Eu não entendo o que pode ter me causado isso!!

— Dr. Jhames: Você ingeriu algum alimento não higienizado adequadamente?

— Samuel: Eu comi algumas framboesas que meu amigo comprou. Meus Deus será que foi isso?

— Dr. Jhames: Senhor Samuel as suas fezes são aquosas, súbitas e não sanguinolentas, sentiu que perdeu peso?

— Samuel: Sim, sim e sim Doutor.

— Dr. Jhames: Eu estou suspeitando de uma doença, mas preciso de exames para poder confirmar.

Logo após Samuel ser atendido Henrique também é, eles ficam a espera do resultado do exame. O médico chega com o exame.

— Dr. Jhames: então senhor Henrique os seus exames chegaram e você está com ciclosporíase.

— Henrique: Mas doutor o que é isso? Isso é grave? Eu vou morrer?.

— Henrique pergunta espantado.

— Dr. Jhames: Calma senhor Henrique!!

A Ciclosporíase é uma doença intestinal que pode ser transmitido por alimentos ou água contaminados com fezes. Apresentando sintomas como diarreia líquida, febre, náuseas, Cólicas abdominais, Vômitos, Fadiga e Perda de peso que é o que você apresenta!!

— Henrique: Ai doutor pensei que eu ia morrer!

— Dr. Jhames: Hoje não. — o médico rir.

Vou encaminhar você para começar o tratamento para melhorar e poder curtir mais a sua viagem.

— Dr. Jhames: Você tem alergia a algum medicamento?

— Henrique: Não doutor.

— Dr. Jhames: a, pois vou passar a combinação dos antibióticos trimetoprima (TMP) e sulfametoxazol (SMX), por via oral, durante 8 dias para você melhorar. Vou lhe encaminhar para uma enfermeira para você tomar a medicação.

— Henrique: obrigado doutor!!

Samuel e Henrique tomam a medicação e logo após ficarem em observação são liberados

— Samuel: Olha Henrique, nunca mais compre framboesa de novo, tu não quer lavar as comidas e isso é que dar.

— Henrique: Samuel não se preocupe, porque se depender de mim nunca mais vamos comer framboesa.

Depois do susto no hospital, Samuel e Henrique voltaram para o hotel mais aliviados, mas ainda um pouco abatidos pelos sintomas da ciclosporíase. Resolveram tirar o resto do dia para descansar e recuperar as energias. No dia seguinte, sentindo-se muito melhores, decidiram continuar a viagem, mas agora com mais cautela em relação à alimentação.

Seguindo o roteiro de Samuel, visitaram os últimos pontos turísticos que faltavam, aproveitando cada momento como se fosse único. Aprenderam que a saúde é um dos bens mais preciosos e que pequenos descuidos podem causar grandes problemas.

Antes de voltarem para o Brasil, sentaram-se em um café aconchegante no aeroporto e riram de toda a situação.

— Henrique: Samuel, você já imaginou que nossa viagem dos sonhos terminaria com uma lição de higiene alimentar? — brincou Henrique.

— Samuel: Pois é! Mas, pelo menos, saímos dessa vivos, e com histórias para contar — respondeu Samuel, dando um gole no café.

Ao embarcarem no avião de volta, olharam pela janela e sentiram que aquela viagem os mudou de alguma forma. Não só fortaleceram a amizade, como também aprenderam que, em qualquer lugar do mundo, cuidados básicos podem evitar problemas desnecessários.

Com um último olhar para o Canadá que ficava para trás, Henrique sorriu e disse:

— Henrique: Samuel, para onde vamos na próxima aventura?

Samuel riu, balançando a cabeça:

— Samuel: Para qualquer lugar... desde que não tenha framboesas!

E assim, com uma história inesquecível para contar, os dois amigos voltaram para casa, prontos para planejar a próxima viagem — agora, com mais cautela e muitas lembranças para compartilhar.

CAPÍTULO 06

O MISTÉRIO DA ÁGUA CLARA

Karla Sabrina Freitas dos Santos¹; Maria Paula Moraes de Barros¹;
Renally Vitória Miranda Resende¹; Thayla Sabrina Chaves Silva¹;
Charlyan de Sousa Lima²

¹ Graduanda em Enfermagem da Faculdade Santa Luzia.

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

Era uma manhã abafada em Vila das Palmeiras, um pequeno povoado rodeado por rios e florestas tropicais no interior do Maranhão. A comunidade, com hábitos simples e vida pacata, estava acostumada a lidar com os desafios impostos pela natureza. No entanto, nenhum dos seus habitantes estava preparado para o que estava prestes a acontecer. Tudo começou quando os alunos da Escola Municipal João de Barro começaram a faltar às aulas em números alarmantes. Em poucos dias, mais de vinte crianças apresentavam os mesmos sintomas: diarreia intensa, dores abdominais, febre alta e desidratação. A enfermeira do posto de saúde, Dona Iraci, estava preocupada, mas não imaginava a gravidade da situação.

Entre os afetados estava Caíque, um menino curioso de 11 anos, filho de pescadores que viviam às margens do Rio Pequiá. Caíque adorava observar os animais da região, brincar na mata e ouvir as histórias místicas de sua avó, que falava sobre os espíritos

da floresta e a importância de respeitar os rios. As manhãs de Caíque eram sempre repletas de aventuras na natureza e da alegria de estar junto aos amigos. Ele costumava beber a água diretamente da torneira de casa, proveniente de um poço artesiano que, embora útil, não passava por nenhum tipo de tratamento. Quando ele começou a se sentir mal, sua mãe, Dona Nilda, o levou ao posto de saúde, mas o diagnóstico foi simples demais: "É só uma virose", disse o primeiro médico que o examinou. Porém, os sintomas de Caíque não melhoravam; pelo contrário, começavam a se agravar a cada dia.

Enquanto isso, em São Raimundo das Flores, Letícia, uma jovem de 22 anos, estudante de biologia e apaixonada por parasitologia, estava trabalhando em seu projeto de conclusão de curso. O projeto tinha como objetivo mapear surtos de protozoários em comunidades ribeirinhas. Quando soube através do rádio comunitário sobre o aumento de doenças em Vila das Palmeiras, ela se interessou imediatamente, reconhecendo o potencial científico da situação. Ao discutir com sua orientadora, professora Miriam, Letícia decidiu organizar uma expedição àquela comunidade isolada, levando com ela equipamentos simples, mas essenciais, como um microscópio portátil, tubos de ensaio e filtros de água. Ela sabia que a informação científica seria a chave para entender o que estava acontecendo.

Letícia não era novata em comunidades isoladas. Filha de professores, ela cresceu viajando por cidades pequenas, ajudando seus pais em projetos educativos. Essa experiência lhe conferia uma empatia incomum e uma sensibilidade para as realidades locais. Quando chegou a Vila das Palmeiras, foi recebida com certo ceticismo, pois os moradores não estavam acostumados a ver pesquisadores por ali. No entanto, Letícia, com seu jeito gentil e

cuidadoso, logo conquistou a confiança dos moradores. Ela passou a visitar cada casa, ouviu as histórias e os temores da população e ajudou com remédios simples que havia levado. Foi durante essas visitas que conheceu Caíque, que já estava com o semblante abatido e um corpo visivelmente frágil, mas que, ao ouvir as explicações científicas sobre o mundo invisível dos micro-organismos, ficou fascinado. O garoto, que sempre tivera um espírito curioso, logo se tornou o braço direito de Letícia, acompanhando-a nas visitas e aprendendo a coletar amostras com cuidado, a registrar os dados dos doentes e a mapear os pontos críticos da contaminação.

Com a ajuda de Caíque, Letícia conseguiu identificar as fontes da contaminação na vila. Um dos maiores problemas era a falta de infraestrutura básica: não havia sistema de esgoto, e as casas despejavam resíduos diretamente nos igarapés e rios. O mesmo riacho usado para banho, pesca e recreação também era utilizado como fonte de água para consumo, o que exacerbava a situação. Foi aí que Letícia descobriu algo alarmante. Após analisar amostras de água, percebeu que o lençol freático estava contaminado, provavelmente devido a um lixão a céu aberto nas proximidades, onde os moradores despejavam resíduos de maneira inadequada. Esse lixão estava localizado a poucos metros de um poço profundo que fornecia água para muitas casas, o que favorecia a infiltração de micro-organismos.

Os resultados das análises foram devastadores: a maioria dos casos de diarreia e doenças associadas à água contaminada estavam diretamente ligados ao protozoário *Cryptosporidium parvum*, que pode causar sérias complicações de saúde, especialmente em crianças e idosos. Caíque e Letícia, ao compreenderem a magnitude da situação, decidiram divulgar seus

achados. Letícia escreveu um artigo sobre o surto e publicou suas descobertas em um portal de saúde pública. A notícia se espalhou rapidamente, chamando a atenção das autoridades e de outras organizações de saúde. Em pouco tempo, uma equipe do Instituto Evandro Chagas foi enviada para verificar e confirmar os dados apresentados.

Com a confirmação das análises, iniciou-se uma verdadeira corrida contra o tempo para tentar conter o surto. O governo municipal, sob pressão das autoridades de saúde e da população local, instalou sistemas de cloração emergenciais em algumas fontes de água, enquanto poços mais profundos foram vedados temporariamente. Contudo, essas medidas de curto prazo não seriam suficientes para resolver o problema de maneira definitiva. Foi nesse momento que Letícia propôs um plano mais abrangente, que envolvia um sistema de saneamento participativo. Ela sugeriu que os próprios moradores participassem ativamente da solução, com capacitação e engajamento local.

Com o apoio dos moradores e de algumas ONGs, o plano começou a ser colocado em prática. Caíque, agora mais maduro e engajado, foi escolhido como o representante jovem da comunidade no projeto, servindo como elo entre os mais velhos e os novos conhecimentos trazidos por Letícia. Ele ajudava a organizar mutirões de limpeza, a construção de fossas sépticas ecológicas e a implementação de sistemas simples de filtragem de água. Letícia, por sua vez, realizava oficinas sobre higiene e prevenção de doenças causadas pela água contaminada, além de promover sessões educativas sobre a importância do saneamento básico e do tratamento da água.

Enquanto as medidas para melhorar a qualidade da água e promover o saneamento básico estavam em andamento, um novo desafio se apresentou. Em São Raimundo das Flores, a reativação de um antigo projeto de agroindústria às margens do Rio Pequiá colocava em risco todo o trabalho realizado até então. O empreendimento propunha o uso de pesticidas agrícolas que poderiam contaminar toda a bacia hidrográfica e reverter os avanços obtidos em Vila das Palmeiras. Enzo, primo de Letícia e estudante de engenharia ambiental, mobilizou seu grupo de estudos na universidade para investigar os impactos ecológicos da proposta. Ele, Letícia e Caíque se uniram em uma frente única para impedir que a agroindústria fosse reativada sem a devida análise de impacto ambiental.

A comunidade se viu dividida sobre a proposta. Alguns viam a instalação da agroindústria como uma oportunidade de empregos, enquanto outros entendiam o risco que isso representaria para a água do rio e, conseqüentemente, para a saúde da população. Letícia e Caíque organizaram audiências públicas, convidando especialistas para debater o impacto do projeto. Enzo apresentou estudos detalhados sobre os efeitos do uso de pesticidas na qualidade da água e os riscos para a biodiversidade local. Ao fim, após muitos debates e deliberações, a proposta foi barrada por unanimidade na câmara municipal, graças à mobilização da comunidade e ao apoio técnico do grupo de Letícia.

Com a vitória contra o projeto de agroindústria, a comunidade de Vila das Palmeiras ganhou força, e o projeto "Água Clara" floresceu ainda mais. A iniciativa, que havia começado com um foco em saneamento básico e qualidade da água, se expandiu para um projeto mais amplo de educação ambiental. Jovens da vila foram

capacitados como agentes ambientais e passaram a liderar ações de conscientização sobre preservação ambiental e cuidados com a água. Foi criada também uma rádio comunitária, onde os moradores mais antigos contavam histórias sobre os rios da região e como eram limpos e saudáveis décadas atrás. A rádio tornou-se uma ferramenta poderosa para educar a população e fortalecer o sentimento de pertencimento e responsabilidade coletiva.

Com o passar do tempo, Vila das Palmeiras começou a experimentar uma verdadeira transformação. O projeto "Água Clara" ganhou prêmios e reconhecimento ao nível nacional e internacional. A capacitação e a união da comunidade geraram frutos duradouros, e os avanços na área de saúde e saneamento começaram a se refletir em uma melhoria significativa na qualidade de vida da população. O impacto também foi visível no meio ambiente, com a recuperação de nascentes e a diminuição da contaminação dos rios.

Entretanto, a verdadeira prova de fogo veio com a seca de 2026. A região, que já enfrentava desafios com a escassez de água, viu os rios e igarapés diminuírem drasticamente de volume, e algumas nascentes começaram a secar. A situação ficou ainda mais crítica quando Letícia identificou que, além do protozoário *Cryptosporidium*, o risco de propagação de outros parasitas intestinais, como o *Giardia lamblia*, aumentava devido à maior concentração de pessoas nas fontes de água restantes. Os filtros caseiros que antes eram suficientes para garantir a potabilidade da água já não eram mais eficazes. Diante desse novo desafio, Enzo desenvolveu um purificador de cerâmica com carvão ativado e prata coloidal, uma solução mais eficaz para purificar a água contaminada.

A equipe produziu mais de 300 unidades desses purificadores e distribuiu as unidades nas áreas de maior risco. Caíque, agora com

18 anos, assumiu a liderança na produção e distribuição dos purificadores, ensinando jovens de sua idade a fabricá-los e a distribuí-los com as instruções necessárias para garantir o uso correto. A solução foi um sucesso, e a saúde dos moradores melhorou consideravelmente.

Com o tempo, o trabalho de Letícia virou referência em congressos internacionais e inspirou políticas públicas em outras regiões do país. Ela se formou doutora em Saúde Ambiental e passou a lecionar na universidade, orientando novos pesquisadores de campo. Caíque, por sua vez, seguiu seus estudos e, já formado como engenheiro, voltou à vila para coordenar a implementação de novas tecnologias sustentáveis em outras comunidades do Nordeste.

Hoje, Vila das Palmeiras é um exemplo de resiliência e transformação. O sistema de abastecimento de água da vila foi completamente reformulado e agora oferece água tratada a todas as casas. As fossas sépticas ecológicas e os sistemas de compostagem comunitária garantem que os resíduos não contaminem os corpos d'água. O centro de educação fundado com o apoio da comunidade leva o nome de Dona Iraci, a enfermeira que nunca deixou de cuidar das crianças da vila e que, mesmo em tempos difíceis, manteve sua dedicação e amor pela população.

A história de Vila das Palmeiras não é apenas sobre um milagre, mas sobre como a ciência, a solidariedade e a união podem transformar a vida de uma comunidade. Ela é a prova de que, quando as pessoas se unem em busca de um objetivo comum, é possível superar até mesmo os maiores desafios. Onde há cuidado, há saúde. Onde há união, há resistência. E onde há água limpa, há vida.

CAPÍTULO 07

MINHAS FÉRIAS INESQUECÍVEIS

Wilderlene Lima Oliveira¹; Elenilce Sousa Cutrim¹;
Pollyanna da Silva Azevedo Patrício¹;
Marcos Paulo Sousa da Silva¹;
Elziane Fiares Ribeiro¹; Charlyan de Sousa Lima²

¹ Graduanda em Enfermagem da Faculdade Santa Luzia.

² Doutor em Ciências: Ambiente e Desenvolvimento pela Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES; Doutorando em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS.

A história relata a vida de um jovem rapaz de 28 anos, olhos claros, pele morena que se chama Rafael nascido e criado na cidade do Rio de Janeiro.

Em agosto de 2023, Rafael resolve passar suas férias de trabalho na casa de sua tia que se chama Maria a qual não se vê há tanto tempo.

A história acontece em São Luís/MA.

Rafael um jovem estudante de contabilidade tinha feito diversos planos para essas férias tinha um sonho em conhecer os lençóis maranhenses, pois estava muito ansioso para colocar seus planos em prática, mas mal sabia ele os obstáculos que ia encontrar nessa cidade.

Entusiasmado com a viagem Rafael arrumou suas malas uma semana antes da viagem para se certificar que nada ia faltar, pois ele esperava o tão sonhado dia de conhecer o Maranhão.

Faltando um dia para viagem Rafael liga para sua tia dizendo:
— Tia amanhã, chego no primeiro voo. Disse Rafael. Chegando o dia exclama Rafael;

— Nossa! Enfim chegou o grande dia!

Rafael seguiu viagem com destino ao Maranhão, chegou no aeroporto avistou logo sua tia que esperava ansiosamente.

Ele abraçou-lhe e disse:

— Que saudade!

Respondeu Maria:

— Nossa, meu sobrinho, como você tá diferente, você estava, mas forte há sete anos quando lhe visitei no Rio de Janeiro.

Respondeu Rafael:

— Correria do trabalho e estou fazendo faculdade, também só como fora de hora.

Ansioso para chegar na casa de sua tia pergunta Rafael:

— Tá longe da sua casa?

Respondeu Maria:

— Tá um pouco, vamos pegar um Uber, pois o bairro onde moro fica meio distante.

Chegando até sua casa Rafael sentiu-se acolhido pelos seus familiares e distribuiu presentes para todos da casa. Rafael sempre foi muito observador e logo viu sua tia enchendo as jarras com a água diretamente da torneira e colocando na geladeira.

Então ele perguntou:

— Aqui vocês não bebem água tratada ou filtrada?

Sua tia lhe respondeu:

— Tínhamos um filtro, mas deu defeito ainda vou comprar outro.

O bairro em que sua tia mora as condições de esgoto são favoráveis, o saneamento básico precário e ela mora próximo a um lixão.

Rafael muito surpreso logo viu que a realidade era outra. Então chegou a hora do jantar todos reunidos à mesa sempre contando histórias de sua infância que lhe rendiam boas gargalhadas.

Tudo parecia perfeito com dois dias que ele estava na casa de Maria ele começou a sentir algo estranho que nunca tinha sentido antes. Ele começou a sentir cólicas abdominais, aumento dos gases, indo ao constantemente, náuseas e vômitos.

Assustado com aquela situação, porém não queria preocupar sua tia. Então Rafael resolveu não falar nada a ninguém.

Mas, como uma boa maranhense disse Maria:

— Rafael tá me escondendo algo:

Rafael já estava começando a ficar desidratado, pois ele toda hora ia ao banheiro. Sua tia incomodada com aquela situação lhe perguntou, então disse Rafael:

— Não estou bem, estou sentindo muita dor na barriga e uma diarreia que não passa.

Maria lhe disse:

— Meu filho porque não falou, quero que você se sinta como se estivesse em sua casa, não fique acanhado.

Continuo Maria:

— Vou fazer um chá de casca de laranja com boldo que você fica bonzinho; aquele velho e bom jeito maranhense que todos nós conhecemos.

Então Maria fez o chá, ele bebeu na esperança ficar bom, porém de nada adiantou a diarreia continuava e a cólica também.

Daí então Maria viu que não resolveu decidir levá-lo na Unidade Mista do Bequimão que é mais próximo de sua casa, chegando lá, passando pela triagem, Rafael assustou-se com o peso, ou seja, com a quantidade de kg que tinha perdido em tão pouco tempo.

O médico lhe consultou e receitou buscopan composto e florax, mas logo percebeu que estava muito debilitado devido à diarreia.

Então disse o médico (Dr. Ferreira, clínico geral).

— Vou deixá-lo em observação, afinal vindo diversos casos semelhantes a esse aqui.

Maria ficou muito preocupada com o fato de o sobrinho ficar internado.

Daí então, disse Maria:

— Vou pernoitar com você aqui no hospital.

No dia seguinte a melhora era pouca, pois os sintomas persistiam vendo todo aquele quadro quase que irreversível, o médico resolveu solicitar alguns exames, hemograma completo. No exame parasitológico foi detectado presença de oocistos nas fezes de Rafael que seguia internado com pouca melhora.

Ao sair o resultado o Dr. Ferreira foi até Rafael e sua tia disse:

— Estou com seus exames aqui e pelo que consta você teve uma infecção causada por um protozoário chamado *Cystoisospora Belli*.

A tia de Rafael pergunta:

— Mas o que é isso Doutor?

Então ele responde:

— É uma infecção que pode ocorrer quando se ingere água ou alimentos contaminados.

— Mas não se preocupe vou receitá-lo alguns medicamentos e logo ele terá melhora. Disse o médico.

E ele receitou Sulfametoxazol com Trimetoprima, Cotrimoxazol, por 7 dias.

Rafael seguiu rigorosamente as recomendações médicas mesmo após receber alta. Inclusive bebendo muito líquido.

Depois de todo esses perrengues; Maria passou a ter mais hábitos de higiene como: lavar as mãos após usar o banheiro e mantê-lo limpo; evitar andar descalço; cortar e manter as unhas limpas; limpar bem a cozinha; lavar as mãos antes de cozinhar e antes das refeições; e lavar os utensílios domésticos com água potável. Deu logo um jeito de comprar um filtro.

Enquanto Rafael passou seus tão sonhados 15 dias de férias internado e não curtiu o que tanto planejou.

